

## UMA VEZ NO CANGAÇO PARA SEMPRE SEM LUGAR: OS NÔMADES DA “GUERRA” SERTANEJA

Ednaldo Emilio Ferraz<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo faz um breve relato da relação dos grupos cangaceiros do início do século passado com o espaço sertanejo, levando em consideração quais tipos de construções relacionais estes tinham com o substrato físico e cultural, delimitando quais categorias espaciais faziam parte do cotidiano destes. Discute-se a desvinculação afetiva desses atores com os seus espaços de vivência, tornando-se indivíduos sem lugar, que estruturavam outras formas de se relacionar com os espaços, vivenciando uma “territorialidade-flexível”.

Palavras-chave: Cangaceiros. Categorias espaciais. Lugar. Territorialidade-flexível.

### Introdução

Nos “Sertões” embora em quase<sup>2</sup> sua totalidade marcada por um quadro natural pouco favorável, sendo uma das áreas brasileiras menos ecúmenas<sup>3</sup>, embora o seu povoamento antecedeu ao do Agreste (ANDRADE, 2003) essa região foi povoada as margens dos rios, primeiro o São Francisco e posteriormente seus afluentes (intermitentes), com objetivos de criação de gado bovino para abastecer os espaços extrovertidos<sup>4</sup> (ADAS; ADAS, 2004) do litoral canavieiro (ANDRADE,1998), sendo nos sertões seus principais agentes sociais de apropriação e dominação os grão-senhores donos das sesmarias, como os d’Ávila Garcia (donos de aproximadamente 340 léguas a margem esquerda do rio dos currais) e os Guedes de Brito (com terras que iam do Morro do Chapéu ao Rio da velhas, totalizando umas 160 léguas), ainda, posseiros e vaqueiros (escravos ou não), estes ficaram responsáveis pelas subdivisões das sesmarias, dando origem aos “sítios” e currais (*Ibid*, 1998).

Nesse cenário, homens e territórios tinham uma relação de “reciprocidade”, enquanto os homens criavam seus rebanhos e produziam sua subsistência alimentar, estes se apegavam e protegiam suas apropriações de dominação, veja o dizer em Andrade (1998: 168);

[...] enfrentaram o calor e a sede das caatingas adustas, nem as flechas traiçoeiras dos indígenas que, atacados pelos brancos, não tinham para onde recuar, passando a defender palmo a palmo aquela terra seca onde caçavam e aquelas ribeiras onde pescavam para sua alimentação. Esta luta difícil em meio hostil, contra selvagens belicosos, assim como defesa das reses

<sup>1</sup> Licenciado e Especialista em Geografia pela FAFOPST - Faculdade de Formação de Professores de Serra Talhada. Professor da rede pública, particular, de cursinhos pré-vestibulares e experiência de dois anos e meio no ensino superior.

<sup>2</sup> Tem-se como exceção da secura no interior sertanejo os brejos áreas nos sopés de serras ou sobre estas, onde a temperatura e a umidade não é tão castigante.

<sup>3</sup> Espaços naturais que apresentam facilidade de povoamento humano.

<sup>4</sup> Espaços que se estruturavam socioeconomicamente para atender as necessidades externas.

deixadas nos currais como verdadeiros marcos do avanço do movimento povoador [...]

Além desse contexto, a distância do litoral fazia estes se organizarem de modo que essas terras pudessem suprir as suas necessidades (MELLO, 2007), assim também creio terem desenvolvido uma relação afetiva com esses espaços, pois principalmente os “invernos” eram épocas de fartura e abundância, com as lavouras de subsistência de ciclo curto, leite, queijo e frutos silvestres (ANDRADE, 1998), estes territórios eram (e são) demarcados pelos travessões (cercas de vara ou de pedra principalmente), como divisas territoriais.

A apropriação e a defesa se davam simultaneamente, assim como o apego afetivo e a noção de poder sobre esses espaços, faziam-se (estes desbravadores) homens sedentários, demarcando suas “linhas de governança” e afetividade. Suas cercas eram seus domínios (e ainda o são).

Apenas séculos depois, grupos formados, primeiro apenas por homens e, posteriormente incluíram-se mulheres, denominados de cangaceiros (FERREIRA; AMAURY, 1999), estes se desapropriaram desses sentimentos relacionais com os espaços e adentraram em um contexto nômade pelos sertões de diversos estados, onde o lugar e território, não podiam prender-lhes a um sedentarismo comum para a época.

### **1. Uma vez no cangaço para sempre sem lugar**

O lugar, espaço este definido por nossa afetividade (TUAN, 1983, *Apud*, PONTE *et al*, 2009), onde se cristaliza parte de nossa identidade e experiências do cotidiano (LEITE, 1998), torna-se na atualidade uma categoria imprescindível na análise das comunidades e suas culturas (HOLSER, 1996), sendo este para onde convergimos, como uma válvula de escape para os nossos “stress” da vida moderna, veja-se o dizer de Ponte *et al* (2009: 345) “[...] identidade de lugar é pensada não apenas em termos de identificação com o ambiente, mas como possibilidade de vinculação afetiva e transformadora da realidade [...]”.

Para estes grupos sociais denominados de cangaceiros a produção e ou continuação de relações afetivas com seu lugar tornou-se inviável para uma existência “nômade-forçada”, provocado pelo estilo de vida “adotado”, mesmo tendo seus lugares no imaginário (lugares do tempo de “paz”), não podiam retornar de forma permanente (na condição de cangaceiro), como faziam naquela época, trabalhadores migrantes, soldados de guerra, estudantes,

almocreves<sup>5</sup>, volantes, enfim para os que deixavam seu lugar, visualizam mentalmente um “retorno triunfante” a sua terra natal.

Pode-se aqui levantar como hipótese que uma vez no cangaço esses depositaram suas identidades, afetividades e um relativo poder em “todas as caatingas”, veredas, serrotes, lajedos, grutas, riachos, cacimbas, casas dos compadres e coiteiros, admiradores e tantos outros, dos quais precisavam na sua logística de sobrevivência, em espaços de ampla atuação, no sertão (MACIEL, 1985) de alguns estados nordestinos (PE, CE, PB, BA, AL, RN e SE), estes viriam a percorrer, numa busca incessante de sobrevivência.

Ou seja, em espaços com dimensões incomuns para os sedentários, onde seus espaços de vivência restringiam a uma escala geográfica bem inferior, como: parte da cidade, uma vila, uma fazenda, uma ribeira e assim por diante, veja-se o dizer a seguir Ibid (2009, p. 346) “Embora se possa experienciar nos lugares sentimentos que se vinculem à idéia de segurança, estabilidade, lar e outros”.

Sentimentos estes que os cangaceiros provavelmente não podiam ter num sentido amplo da palavra. Pois, ter a idéia de segurança e estabilidade poderia dar-lhes uma falsa impressão da realidade dos quais faziam parte, sendo de instabilidade social, política e emocional, poderiam colocar-se em situações pouco estratégicas. Sendo um dos motivos de quase serem apanhados no combate da fazenda Xique Xique, veja-se um pequeno trecho a seguir deste fato conforme (FERREIRA; AMAURY, 1999: 113);

O combate [...] aconteceu no dia 12 de novembro, iniciando-se ao redor da quinze horas. O grupo de Lampião, formado por quinze homens, ocupava o local de forma despreocupada, pois imaginavam não estar sendo perseguidos naquele momento. Tinham terminado de comer o que lhes fora levado pelo coiteiro e descansavam dentro do curral.

Os homens (e mulheres) que faziam parte desses bandos do final do século XIX e início do século passado, uma vez dentro do cangaço deveriam estes abandonar efetivamente os seus lugares que lhes proporcionavam segurança, estabilidade e um lar e se “embrenhavam” numa outra relação com os espaços, denominados aqui de territorialidades-flexíveis ou território-funcional-militar.

O sentimento de abandono do seu lugar, onde se experienciava uma topofilia<sup>6</sup> (TUAN, 1980 *apud* ROCA *et al*, 2006), talvez lhes acompanhará pra o resto da vida, pois, a

---

<sup>5</sup> Atividade econômica de antigos comerciantes sertanejos que transportavam suas mercadorias (principalmente alimentos) em tropas de equinos ou asininos. Essa era a principal forma de transportes de bens antes da chegada do automóvel.

família, os parentes, os afetos (ou em alguns casos estes afetos se arriscavam no cangaço), eram deixados para traz, como que por uma outra necessidade “maior” como vingança, meio de vida e refúgio (MELLO, 2007), faziam-se “resistir” a saudade e a distância, fazendo-lhes sempre afastar-se mais ainda dessa realidade que eram proporcionadas pelos espaços de vivência.

Embora existissem homens que queriam mesmo era uma vida desprovida de lugar, como o caso de Raimundo Barbosa Nogueira rejeitado pelo cangaço quando jovem e perseguidor quando adulto de Lampião, de acordo com (FERREIRA; AMAURY, 1999: 133-134);

Mas Raimundo queria ir de qualquer jeito, pois seu sonho era levar a vida a céu aberto, sem peias nem abrigo fixo. Continuou a insistir, mas Lampião não se deixou convencer, mandando-o de volta para sua família. [...] Mesmo preterido por Lampião, por sua pouca idade, o destino e o desejo de Raimundo eram mesmo aquele tipo de vida. Seria cangaceiro ou soldado. Não conseguiu ser um foi ser outro. Mas levou a vida a céu aberto, como queria.

Proteção, estabilidade e abrigo fixo não era o sonho de todos, para muitos a vida no cangaço encantava, suas vestimentas e ornamentos, seu estilo de vida, suas armas, as mulheres, o dinheiro, os valores e princípios, os símbolos, os códigos morais, a amplidão dos horizontes, atraíam vários seguidores.

Fenômeno que na ciência geográfica se parece com a topofobia<sup>7</sup>, mas acredita-se que a maioria desses homens e mulheres, assim como a maioria preferem ter um lugar que lhes proporcione segurança e abrigo.

## **2. Desterritorialidade sem reterritorialidade efetiva**

A perda temporária sobre um determinado espaço territorial em suas diversas escalas ocorre desde tempos muito remotos da História humana pelos indivíduos, comunidades a civilizações inteiras. Mas, essa desterritorialização em sua maioria é procedida pela reterritorialização, veja o dizer a seguir, “[...] não há saída do território, ou seja, desterritorialização, sem, ao mesmo tempo, um esforço para se reterritorializar em outra parte” (DELEUZE, s.d. *Apud* HAESBAERT & BRUCE, s.d.), como uma “necessidade” de restabelecer a apropriação e dominação sobre um espaço (LEFÈBVRE, 1986, HARVEY, 1992 *Apud* HAESBERT, 2003).

---

<sup>6</sup> O processo de inversão afetiva é contemplado de forma mais existencial a partir dos conceitos de “topofilia”, com sentimentos positivos sobre o “lugar”.

<sup>7</sup> “topofobia”, com sentimentos negativos sobre o lugar.

No caso dos grupos sociais aqui investigados foram formados por indivíduos desterritorializados, ou seja, a relação de dominação e apropriação efetiva sobre o espaço era quebrado/desintegrado, sendo estes, desenraizados (HAESBAERT, 2003) quanto aos seus espaços de relação afetiva e de poder, mas um fenômeno não menos importante ocorreu no período cangaceiro.

Esses homens desterritorializados adentraram em um contexto social, que lhes impediram a reterritorialização, não pelo menos em sua forma absoluta-efetiva, (DELEUZE; GUITARRI, 1995 *Apud* HAESBAERT; BRUCE, s.d.), mas, provavelmente nos moldes de uma forte instabilidade, flutuante-flexível, (SOUZA, 2003) e (OLIVEIRA, 2011), pois, o cotidiano daqueles grupos em constante mobilidade pelo espaço dificultava “reproduzir” um território na sua forma conceitual tradicional de análise. Sendo desenvolvidas formas instáveis e móveis de se relacionar com o espaço, produzindo os chamados territórios-flexíveis, intencionalizando estratégias de combate, ou seja, com “funcionalidade de guerrilha” (detalhes a seguir).

Embora, que o presente artigo defende a idéia que esta forma de se relacionar com o espaço foi uma das principais causas para uma atuação duradoura nos “sertões” nordestino desses grupos sociais e que uma provável reaproximação de poder e afetividade sobre alguns espaços tenha colocado um fim ao cangaço lampeônico.

Assim como o referido inúmeras vezes sobre essa temática que tenta incorporar a idéia de perda além de questões de poder (política) também inclui o elemento simbólico-cultural, veja conforme (ROGÉRIO HAESBAERT, 2003: 168);

Entretanto se ampliarmos essa definição, incorporando à dominação política uma apropriação simbólico-cultural, veremos que a desterritorialização não deva ser vista apenas como desenraizamento no sentido de uma destruição física de fronteiras e um aumento da mobilidade, em sentido concreto.

Onde, esta proposta se aproxima da categoria de lugar, estando o simbólico-cultural muito presente em sua definição epistemológica, não querendo unir essas duas categorias geográficas, formando o hibridismo conceitual de lugar-território como alguns já propõem (DUARTE, 2007), numa análise da complexidade do cotidiano das “comunidades” inseridas, veja a seguir (FERREIRA, 2000: 73 *Apud* DUARTE, 2008: 191);

Nesta dimensão, os “lugares” são também tomados pelo conceito de “território” ao serem definidos como espaços de resistência, que propiciam o

desenvolvimento de outros processos que alteram a configuração das identidades e dos poderes ali constituídos

Bem, mais a intenção não é discutir esse hibridismo conceitual, mas poderá ser empregado, pois dificilmente encontraremos uma separação sentimental de poder e afetividade como elucidam a seguir (SOUSA; PEDON, 2007: 144);

Resgatando a visão de Raffestin quando diz que o território pode ser analisado a partir de relações de poder, mas também como palco de ligações afetivas e de identidade entre um grupo social e seu espaço; ou ainda Corrêa, que afirma que o “território é o espaço revestido da dimensão política, afetiva ou ambas”, CORRÊA in SANTOS, 1996, [...]

E que se em alguns aspectos numa relação entre o sertanejo e seu espaço pode-se utilizar, e que será mencionado como categoria no quinto capítulo. A perda de poder sobre um determinado território também ocorreu com a maioria dos cangaceiros, assim como o próprio Lampião viria a se afastar de seu território (e lugar), veja-se a seguinte a assertativa (FERREIRA; AMAURY, 1999: 24-25);

Outro engano muito comum, quando se fala sobre cangaceiros, é assumir que todos eram pessoas sem terra, deserdados da vida, que não tinham nada e que por isso eram forçados àquela vida de crimes e terror. Esse pensamento está longe da verdade. Muitos, como o próprio Lampião, eram proprietários.

Para Lampião o abandono de suas terras se deu por questões de vingança (GRUSPAN-JASMIN, 2001), para outros como forma de vida ou de refúgio (FERREIRA; AMAURY, 1999), podendo este fenômeno social estarem relacionadas com causas diversas, como elucidada Frederico pernambucano de Mello (2007: 171-172);

A ocorrência desta forma de banditismo experimenta seu apogeu em períodos de desorganização social. Em nossa região, os grandes surtos estiveram ligados quase sempre ao fenômeno da seca e às agitações política. A correlação com a primeira podendo ser explicado pelo profundo abalo social que os longos períodos de estiagem produziam na sociedade sertaneja, golpeando sua incipiente estrutura e reduzindo à mais completa miséria famílias, [...]

As secas supracitadas faziam suas terras que em períodos de chuvas eram espaços de fartura e abundância (*Ibid*, 2007), transformava em “prisões” naturais de escassez de água e

alimento, onde suas poucas estruturas tornavam-se insuficientes para suas simples subsistências. Sendo o cangaço uma alternativa de sobrevivência, como forma de assegurar a própria vida. Embora entrassem em um contexto de perseguição e infortúnios.

Embora que esse banditismo também ocorresse em regiões úmidas e de quadro natural favorável, principalmente associado a movimentos de escravos fugidos (*Ibid*, 2007).

Este quadro de instabilidade se aplica principalmente a um tipo de cangaceiro, a aquele que viviam uma vida nômade, denominado de cangaceiro itinerante, sem abrigo fixo e sem um território efetivo (de pertencimento), veja o dizer a seguir (FERREIRA; AMAURY, 1999: 24);

Existiam pelo menos dois tipos de cangaceiros. Os cangaceiros itinerantes, que são os mais conhecidos, andando em grupos compostos de membros mais ou menos permanentes e os chamados cangaceiros mansos, pessoas que viviam em fazendas, sob a proteção de seus proprietários [...]

Esses cangaceiros mansos acima citados não podiam entrar nessa categoria de homens sem territórios, embora não lhes pertencessem essas terras, mas serviam aos proprietários, inclusive na proteção desses latifúndios, experienciando um sentimento de poder com um território.

### **3. Conhecendo o conceito de territorialidade-flexível e sua presença no cangaço**

No presente artigo defende-se a idéia que uma vez no cangaço estes grupos denominados de cangaceiros se desapropriavam de seus lugares e territórios e passavam e se “relacionar” com os espaços sertanejos um tipo de territorialidade instável, aqui denominado de territorialidade-flexível.

Encontramos algo “parecido” na atualidade no que Marcelo José Lopes de Souza denominou de territórios flutuantes ou móveis, uma vez que apresentam fluidez nos seus limites espaciais e no poder dentro de outros territórios (SOUZA, 2003), ou seja, um poder com duração de tempo relativamente curto comparando com a governança (FERNANDES, 2008) dos denominados territórios da nação (Estado em suas diversas esferas do poder) e da propriedade privada, sendo estas territorialidades muitas vezes restritas a um período curto de tempo.

Prefere-se usar aqui o conceito de territorialidade-flexível de Stanley Braz de Oliveira ao analisar a territorialidade de agentes sociais “noturnos” (prostitutas, clientes, comerciantes de entorpecentes, travestis,...), de Teresina-PI. Este por apresentar forte instabilidade nos limites e no poder sobre o espaço (OLIVEIRA, 2011) será utilizado como categoria geográfica nessa relação entre os cangaceiros e os espaços sertanejos no período ensejado.

Esses espaços transformados em territorialidades ficavam principalmente sobre propriedades privadas em terras de pastagens para o gado (bovino e caprino) extensivamente criados, ora “protegidos” pelas cercas ou fora delas, pertencentes principalmente aos coiteiros, mas eram espaços pouco freqüentados pelos sertanejos, do qual os cangaceiros tinham imenso cuidado em seu uso temporário, veja-se a assertativa a seguir (FERREIRA; AMAURY, 1999: 194);

Os cangaceiros procuravam manter os coitos com aspectos o mais próximo possível do natural, dificultando o trabalho de identificação das volantes. A preocupação de não delatarem sua presença as volantes envolvia também o aspecto de que, além de terem os policiais em seu rastro, criariam problemas para os próprios fazendeiros que permitiam que existissem coitos em suas terras.

Hodiernamente as atuais territorialidades-flexíveis se desenvolvem principalmente nos espaços públicos, como: praças, ruas, parques, sendo seus principais agentes os camelôs, prostitutas, traficantes, usuários de entorpecentes e outros, sendo principalmente ligados aos espaços urbanos, e que as usam com a funcionalidade econômica principalmente.

#### **4. A “territorialidade-flexível” como estratégia do cangaço**

Os espaços escolhidos para acampamento, combates e andanças, eram meticulosamente escolhidos pelos cangaceiros (ou pelo “capitão-comandante”), Veja o dizer de Maciel (1985: 22) “Lampião levava vantagem dentro de melhores emboscadas, cuidadosamente escolhidas”, sendo estes espaços caracterizados por possuírem de alguma forma proteção ou e de fácil escapatória, ou seja, deveriam apresentar vantagens em caso de combate com as volantes, veja conforme Ferreira; Amaury (1999: 25), “Todos, policiais e cangaceiros, eram, no mais das vezes, sertanejos que conheciam profundamente o terreno onde viviam e ao qual haviam se adaptado há muito tempo”, “todos” que se envolveram nesse contexto conheciam profundamente as caatingas e que lhes seriam úteis, nessa vida nômade de perseguidos para os cangaceiros e perseguidores para as volantes.

Uma má escolha tática dentro de territórios dominados poderia colocar-lhes em situações difíceis, podendo ser a principal causa de uma derrota num confronto com as volantes, como no caso da invasão a Mata Grande, onde se lê em Maciel (1985: 157) o seguinte: “[...] Os atacantes em total desvantagem, em campo raso, arrastando-se pelo chão, colocando-se às paredes ou coleando pelo rodapé das casas, amparando nos estreitos desvãos

das portas, atirando e cantando!”), nesse combate bateu Lampião em retirada após perder dois cangaceiros, um no combate outro como consequência de ferimento adquirido no confronto.

Ter conhecimento dessas territorialidades estratégicas era de suma importância para esses andarilhos do Sertão, Veja-se a seguir em Ferreira e Amaury (1999: 115) “Para resolver mais esse problema, Lampião resolveu emboscar seus perseguidores, aproveitando a topografia da região de Caraíbas, ao lado do riacho poço da cruz”, percebe-se que o conhecimento de espaços estratégicos tanto para o descanso quanto para os combates eram fundamentais, o uso de um serrote, leito e barranco dos riachos, as furnas da serras, pedras, troncos de árvores..., eram suas territorialidades temporárias de combate e que lhes serviam de “proteção”, veja-se um trecho de um combate em Caraíbas onde um soldado percebendo a desvantagem das volantes tentam tomar a territorialidade de um serrote dos cangaceiros que estavam em vantagem. (FERREIRA; AMAURY, 1999: 118);

[...] David e Euclides avaliaram o resultado do combate até aquele momento, identificando os feridos, os mortos e os fujões. O quadro não era bom, embora a vontade de Euclides ainda fosse grande: - Se eu tivesse dez homens iguais a mim eu tomava o serrote que está com Antônio Ferreira. David retrucou: - Como é que você diz que tomava o serrote com dez homens se acabou de dizer que Antônio Ferreira tem vinte e três? Como é que você pode tomar esse serrote? [...] O pequeno grupo de Euclides atacou com tanto ímpeto e coragem que, em quinze minutos, tomou o local, provocando a fuga de Antônio Ferreira e seu grupo [...]

Podendo também ser uma forma de afugentar as volantes, evitando muitos embates por onde estes passavam. Como no caso destes adentrarem no “deserto” do Raso da Catarina, para garantir suas proteções durante algum tempo, pois as volantes não se atreviam a perseguir sobre esses espaços, de acordo com Ibidem (1999: 203) “Lampião e vários grupos de cangaceiros utilizaram esse deserto dentro da Caatinga como esconderijo, inúmeras vezes, pois as volantes evitavam entrar ali, temerosos de enfrentarem a agressividade e a inclemência do clima”, ao perceberem desvantagem volantes e cangaceiros evitavam embates duradouros, não se envergonhando de fugir, o próprio Lampião. -“Só brigo quando quero, ou quando me descuido” dizia ele. (MACIEL, 1985: 145)

Embora fossem evitadas ao máximo pelos cangaceiros, como pode-se também perceber a seguir Ferreira; Amaury ( 1999: 48);

Os cangaceiros, sempre que possível, evitavam combater. Mas quando o confronto era inevitável, tinha como objetivo fazer com que a luta fosse breve. Normalmente Lampião ia ordenando que os companheiros fossem se

retirando, deixando alguns para fazer a cobertura. Combinava antecipadamente o local de encontro, e ao chegar ao ponto reunião dava uma descarga com seu revólver, avisando aos que ainda estavam dispersos.

Além desse conhecimento importante dos espaços (territorialidades temporárias), outras estratégias se somavam a este como: Andarem em fila indiana pisando num mesmo rastro, apagar os rastros e vestígios nos coitos, usar sandálias com o calcanhar para frente, imitar animais (*Ibid*, 1999), divisão dos grupos maiores em subgrupos (GRUSPAN-JASMIN, 2001), e brigando xingando, cantando, e fazendo algazarra para desestabilizar emocionalmente as volantes (MACIEL, 1985). Estes elementos com o apoio de coiteiros que lhes “emprestavam” seus territórios para serem transformados em territorialidade-flexíveis por Lampião e seus cangaceiros como no caso do combate em 22 de fevereiro de 1925 na fazenda Serrote Preto, onde um diminuto grupo de cangaceiros fez correr 75 praças bem armados no comando de Chico Oliveira (*Ibid*, 1985). Fez do grupo de Lampião um fenômeno duradouro nas caatingas sertanejas.

##### **5. O semi-sedentarismo e um “lugar-território” para cangaço lampeônico representou seu fim?**

O sedentarismo é uma das principais condições da apropriação e dominação de um território e para uma relação afetiva com um lugar, e o nomadismo de alta mobilidade desse grupo que perdurou durante o maior tempo de atuação nas caatingas sertanejas dificultou uma reaproximação com um território e com um lugar. Mas a partir de 1928 (FONTES, 2001) e principalmente a partir 1929 e 1930 algo mudaria na relação desse grupo com o espaço e em suas táticas, conforme (JASMIN-GRUPAN, 2006: 120);

Paralelamente a esse abandono da luta armada propriamente dita, constata-se, desde o início de 1930, uma mudança no modo de vida dos cangaceiros. O grupo de lampião deixa de percorrer grandes extensões de terras, preferindo costear as margens do rio São Francisco.

Principalmente nos estados da Bahia, onde este teria introduzido o fenômeno do cangacerismo (FONTES, 2001), Sergipe e Alagoas, também nesse período é aceito no grupo o gênero feminino, que traria uma enorme mudança tática, por conta da presença de mulheres no bando, onde percebe-se a seguir em (JASMIN-GRUPAN, (2006: 117):

Desde 1929 percebe-se uma mudança radical na estrutura do grupo de Lampião: as mulheres entram para o cangaço, que se organiza em grupos e

subgrupos, numa espécie de clãs familiares autônomos, sob direção de lugar-tenentes de Lampião; instaura-se uma nova hierarquia, constitui-se novos laços familiares, a vida torna-se menos sedentária. Ela não se assemelha em nada aos antecessores de Lampião.

Embora não percorrendo mais longas distâncias como fizera em terras pernambucanas, paraibanas (e cearenses), dentro da Bahia se utilizaria de uma tática imprescindível, a divisão do grupo em subgrupos mais intensamente (MACIEL, 1985), assim poderia confundir a perseguição das volantes, assim como se utilizaria melhor das territorialidades de defesa e fuga (FONTES, 2001), um outro fator não menos importante que poderia ter dificultado uma atuação mais eficaz em acima citados, foi a entrada da mulher, pois sua presença dava uma breve desvantagem nos combates com as volantes, tendo os cangaceiros a responsabilidade de retirar as mulheres das áreas de risco, conforme Jasmin-Gruspan (2006: 121): “É certamente essa semi-sedentarização e a melhora das condições de vida que tornam possível a entrada de mulheres para o cangaço”.

Percebe-se que a autora se utiliza do termo semi-sedentarização para denotar a situação a que se submeteu Lampião e seu grupo, situação esta entre o nomadismo e o sedentarismo, onde o deslocamento ainda existia, mas não na mesma proporção de tempos anteriores.

O Rio São Francisco teria tido esse papel de lhes proporcionar algo essencial àquele grupo: água para saciar as necessidades fisiológicas e de higiene (JASMIN-GRUSPAN, 2006), teria este “aprisionado” o guerreiro nômade lhe transformando-o em semi-sedentário ou o guerreiro “tomou” para si este grandioso de águas permanentes como território na sua luta ou fora enfeitado pela sua beleza incomensurável e fez-se deste um lugar para o cangaço lampeônico, espaço que poderia dar-lhe segurança, lazer (sem perder o senso de preocupação guerrilheira), e outros sentimentos, que se aproximavam da afetividade, ao certo no presente artigo acredita-se na simultaneidade, poder e afetividade teria minimizado sua atuação guerrilheira nos sertões.

Acredita-se que o rio São Francisco e a entrada da mulher no cangaço teriam favorecido para a (re) aproximação desse grupo com uma situação relacional de homens com um território e um lugar sem perder as noções da territorialidade-flexível, pois os combates perduraram até 28 de julho de 1938 no município de porto da Folha na fazenda Angico.

Relação esta que ficaria mais aparente em sua estadia na Fazenda Angico acima supracitada, onde este tinha como um lugar seguro e de coiteiros de confiança, conforme o dizer a seguir (FONTES, 2001: 339-340);

Há 7 dias os homens haviam-se estabelecido em Angico. [...] A poucos metros dali corre um riacho e existe pequena nascente [...] na qual os cangaceiros se abasteciam de água potável. [...] Ali Lampião estava em casa. Permitia até que Maria Bonita se afastasse do grupo e visitasse os povoados em derredor, em trajes civis, evidentemente para fazer compras [...] Muitos cangaceiros foram vistos jogando carta, enquanto outros vagavam em passeios pelas proximidades, descontraídos e despreocupados, todos se sentindo perfeitamente seguros.

No presente artigo se defende a idéia que no território ou no lugar se pode experimentar o sentimento de segurança e despreocupação, sentimento este que não podiam ter em suas relações com as territorialidades-flexíveis dos cangaceiros e que a deixaram em segundo plano estratégico, como se percebe na citação supracitada, teria este erro colocado um fim no cangaço lampeônico? Além das tradicionais explicações do quadro político a época (Estado Novo), o envelhecimento de Lampião, as doenças, a desvantagem militar e uma provável vontade de desistir dessa vida e outras, poderia somar o sedentarismo e a aproximação de um território e de um lugar para o fim do cangaço lampeônico.

### **Considerações Finais**

Nestas considerações finais não termino este artigo. Tratar de categorias geográficas em um determinado espaço temporal distante do hoje é um processo de construção teórica, pois a atual construção pode mudar a compreensão do passado. Proponho o debate e a pesquisa para avançar na interpretação das realidades de território, lugar, lugar-território, territorialidade-flexível em aplicação no cotidiano dos atores sócio-histórico do Sertão no período proposto pelo artigo, para uma maior compreensão daquela sociedade.

Compreendo que esta proposição contribui para leituras mais aprofundadas dos processos relacionais entre esses agentes sociais e o espaço. Mas ainda há muito a avançar. Este avanço ocorrerá pela continuação das pesquisas, leituras, diálogos, reflexões e debates. Evidente que escrever sobre território sempre será uma relação de poder e quando for o de lugar será uma relação de afetividade, ou seja, de topofilia. E quando for a de territorialidade flexível, espera-se uma relação móvel, instável ou flutuante, proporcionada pela mobilidade para uma gama ampla de finalidades dentro dos territórios (Estado-Nacional e propriedade privada).

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ADAS, Melhen; ADAS, Sergio. **Panorama Geográfico do Brasil**. 4ª Ed. São Paulo: Editora Moderna, 2004.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Formação Territorial e econômica do Brasil**. Recife. Massangana, 2003.

\_\_\_\_\_. **A terra e o homem no Nordeste: Contribuição ao estudo da Questão Agrária no Nordeste**. 6ª Ed. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1998, pp. 167-291.

ATLAS ESCOLAR DE PERNAMBUCO (Coord. Manuel Correia de Andrade). 2ª Ed. João Pessoa: Editora Grafset, 2003.

CASTRO, I. E de., GOMES, P. C. da C., CORRÊA, R. L. (orgs). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil. 2ª Ed, 2000.

DUARTE, Matusalém de Brito. **O “lugar-território” na complexidade da realidade contemporânea: Incursões teóricas a partir da intersubjetividade**. CAMINHOS DE GEOGRAFIA - revista on line <http://www.ig.ufu.br/revista/caminhos.html>. Acesso em: 12 de set. de 2011.

HAESBAERT, Rogério; BRUCE, Glauco. **A desterritorialização na obra de deleuze e guattari**. Departamento de Geografia Universidade Federal Fluminense, 2009. Disponível em: [www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/.../74/72](http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/.../74/72). Acesso em: 11 de set. de 2011.

FERNANDES, Glauco Vieira. **“Reterritorialização” Da Cultura Sertaneja em Luiz Gonzaga**. Universidade Regional do Cariri – URCA -CADERNOS DE CULTURA E CIÊNCIA .Vol. 3- Nº 1. 2008.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Sobre a tipologia de territórios**. SD. Disponível: [http://www.landaction.org/.../BERNARDO\\_TIPOLOGIA\\_DE\\_TERRITORIOS.pdf](http://www.landaction.org/.../BERNARDO_TIPOLOGIA_DE_TERRITORIOS.pdf). Acesso em: 02 de Nov. de 2010.

FERREIRA, vera.; Amaury, Antonio. **De Virgulino a Lampião**. São Paulo: Idéia Visual, 1999.

FONTES, Oleone Coelho. **Lampião na Bahia**. 4ª Ed. Petrópolis: Editora Vozes. 2001.

JASMIN, Elise Gruspan. **Lampião, senhor do sertão: Vidas e Mortes de um cangaceiro**. 1ª Ed. São Paulo: Edusp, 2006.

LEITE, Adriana Filgueira. **O Lugar: Duas Acepções Geográficas**. Anuário do Instituto de Geociências - UFRJ Volume 21, 1998. Disponível em: [www.anuario.igeo.ufrj.br/anuario\\_1998/vol21\\_09\\_20.pdf](http://www.anuario.igeo.ufrj.br/anuario_1998/vol21_09_20.pdf). Acesso em: 15 de set. de 2011.

MACIEL, Frederico Bezerra. **Lampião seu tempo e seu reinado**. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.

MELLO, Frederico Pernambucano. **Guerreiros do Sol: violência e banditismo no Nordeste do Brasil**. São Paulo: A Girafa Editora, 2007.

OLIVEIRA, Stanley Braz de. **A produção de territórios flexíveis nos espaços públicos teresinenses através da cultura da prostituição**. Revista desenredos - issn 2175-3903 - ano

iii - número 8 - teresina - piauí – janeiro, fevereiro, março de 2011. Disponível em: [www.desenredos.com.br/8\\_at\\_stanley\\_270.html](http://www.desenredos.com.br/8_at_stanley_270.html), Acesso em: 10 de Set. de 2011.

PONTE, Alexandre Quintela.; BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz.; PASCUAL, Jesus Garcia. **considerações teóricas sobre identidade de lugar à luz da abordagem histórico-cultural**. 2009. Disponível em: [www2.pucpr.br/reol/index.php/PA?dd1=3375&dd99=pdf](http://www2.pucpr.br/reol/index.php/PA?dd1=3375&dd99=pdf). Acesso em: 11 de set. de 2011.

ROCA, Zoran.; OLIVEIRA, José.; LEITÃO, Nuno. **Da topofilia à terrafilia: paisagens, modos de vida e desenvolvimento territorial**. XX Encontro Nacional de Professores de Geografia “Entre o Mar e a Terra –Paisagens e Itinerários Didáticos ”Peniche, Hotel Praia Norte 9 –11 de Março de 2006. Disponível em: [tercud.ulusofona.pt/publicacoes/.../Roca...](http://tercud.ulusofona.pt/publicacoes/.../Roca...)

Acesso em: 12 de set. de 2011.